

A cidade e a Academia reencontraram-se, ontem à tarde, para renovar um abraço de todos os anos.

Foi o cortejo da Queima das Fitas, com os seus 36 carros alegóricos, com as «bocas» aos ministros, com a

esfusiante alegria da juventude. Era o futuro que ali estava. Para os jovens estudantes, as rosas do nosso contentamento

e a promessa de que, no próximo ano, voltaremos a encontrar-nos. Como sempre.

Milhares de pessoas assistiram ao desfile dos estudantes

# CORTEJO DA QUEIMA DAS FITAS FOI ALEGRE, FLORIDO... E DOCE

Coutinho Ribeiro

Foi um cortejo da Queima alegre, doce, florido. Pelo menos junto a «O Comércio do Porto», quando decidimos atrair pelas janelas milhares e milhares de rosas e de rebuçados cuidadosamente dispostos. Estávamos ali, em peso, a testemunhar o encontro entre a cidade e a Academia e a ajudar a estreitar, por momentos um abraço sempre fraterno. Ah, rapaziada, como é bela a vossa irreverência e como é bom partilhar convívio essa alegria!

Durante quase cinco horas a cidade parou. Como acontece todos os anos, milhares e milhares de pessoas saíram à rua para assistir à festa maior dos estudantes. Era o reencontro sempre apetecido cujas recordações perduram até ao ano seguinte.

Tudo começou cerca das 18 horas, no Palácio de Cristal. A partir daí, os estudantes extravasaram a sua alegria, a sua vivacidade, a sua irreverência por entre filas compactas de pessoas que se acumulavam nos passeios. Cansaço? Nem por isso. Só no fim se notam as sequelas da caminhada, dos saltos, dos abraços, as gargantas doridas pelos «Efeitos» permanentes.

### «Uma aposta no futuro»

A abrir o cortejo, o sempre jovem «dux veteranorum», Augusto Soromenho. A ele competiu fazer as honras da Academia à tribuna de honra, situada junto ao Jardim da Cordoaria, onde se dividiam o presidente da Câmara do

Porto, e representantes de todas as escolas do Porto.

A partir daqui, ninguém quis passar despercebido. Os mais eflorescentes, saltavam para a tribuna e, dali, coordenavam as suas turbas para a saudação académica aos professores, às individualidades. Primeiro Medicina, depois Dentária, Engenharia, Ciências, Farmácia, Economia, Psicologia, Direito da Universidade Católica, Belas Artes, Letras... Bem, aqui começavam os primeiros problemas. Minutos antes do cortejo, o responsável pelas relações externas da Queima das Fitas, André Pisco, garantia ao nosso jornal que não haveria a participação das escolas de enfermagem, serviço social e outras sob quem pendia a acusação de não pertencermos à Academia. Pois bem: elas ali estavam, arrogando os seus direitos. Um caso para discutir na reunião da noite, que se previa muito agitada.

Entretanto, e depois dos finalistas - vaidosos nas suas cartolas coloridas - vinham os quartanistas nos seus carros

engalanados. À frente, um camião de «O Comércio do Porto» distribuía um destacável da revista da Queima onde um estudante do ISEP, Francisco Lanhoso, discorre sobre os primórdios e evolução das Tradições Académicas no Porto.

Não se poderá dizer que todos os cursos manifestassem grande acutilância na sua sempre mordazes críticas ao ensino, aos ministros, a tudo o que não corresponde às expectativas de sua irreverência. Leonor Beiza, para os de Medicina, era o alvo privilegiado. Num dos carros, um grande cartaz advertia que «Ela aí vai, Leonor... só de lambreta». Mais atrás, escrevia-se: «Beizaopetra!... esperemos que seja a última». Enquanto isto, no carro de Biológicas, reproduzia-se uma figura de mulher (quem seria ela?...!) completamente dobrada e pronta a receber uma injeção de Sida.

Os estudantes de Letras preferiram, como seria de esperar, virar-se contra o Ministro da Educação, João de Deus Pinheiro. E não se cansavam de gritar: «O 3º já acabou! 4º está-se a acabar! O Pinheiro, ó Pinheiro dá aí um lugar/para a ficar!».

Também mordazes contra João de Deus Pinheiro estavam os estudantes da Universidade Livre a quem o ministro retirou legitimidade. Em termos um tanto ou quanto menos «sueves», a UL fazia um coro onde gritava por justiça. Um dos seus

carros fazia a analogia entre a UL e o F.C. do Porto, afirmando: «juntos até à vitória final».

Engenharia - como não podia deixar de ser - assentava bases em arquitectura. Num dos seus carros via-se um desenho onde se lia: «Quem foi o imbecil que encomendou a reparação a um arquitecto?».

Biologia parecia, por seu turno, alguma originalidade. Na frente do carro, um letreiro avisava que «Com a nuclear nem Nós nos salva». Em cima do carro, apenas um galo com os membros diversos animais, enquanto que os estudantes seguiam, ruidosos, na traseira. «Soltem a bicharada», lia-se no outro lado da viatura.

### «Queremos ensino de qualidade»

Muito ruidosos (talvez para que não esqueçam que já existem) estavam os representantes da nível Universidade Portucalense. Nos seus carros diziam, sobretudo que «queremos um ensino de qualidade». O que ninguém chegou a entender é se se referiam à sua própria escola, às dos outros, ou ao sistema educativo em geral...

Economia estava em pleno. Num sítio argumentavam que «Os turcos não valem um ecu. Os tipos querem meter as mãos nos ecus». Era uma clara referência à pretensão da Turquia em aderir à Comunidade Euro-

pela. Noutro local, os «economistas» faziam a sua contabilidade eleitoral nos seguintes termos: «Um Cavaco é igual a 1,3 Constâncio; Um Cavaco é igual a 6 Constâncio; Um Cavaco é igual a 8 Eanes; Um Cavaco é igual a 11 Azeiteiros». Mas, logo a seguir, advertiam: «sujeito à alteração».

Um dos carros do ISEP estava francamente divertido. Simulava um carro-tanque onde se lia a «guerra da licenciatura», na sequência de uma luta antiga para equipar o seu curso ao da Faculdade de Engenharia. Atrás seguiam alguns dos mais lídicos representantes da estúrdia académica portuguesa.

Geologia não deixou os seus créditos por mãos alheias. Um desenho de uma mulher plena de formas estava legendado alusivamente: «Os geólogos andam sempre entre montes e vales». E noutro local, ainda sobre o mesmo desenho: «Com afloramentos destes, como pode haver geólogos desempregados». E avisavam: «georgasmos 0,5 metros».

Enquanto tal, os estudantes da Escola Superior de Jornalismo traziam a tiracolo sacos novos em folha exactamente iguais aos usados pelos ardinas na venda de jornais. Não sabemos se por ironia se para tentar demonstrar à cidade ser essa a sorte que lhes é reservada quando terminarem o curso, dada a crise de emprego. Entretanto, já na «baixa

portueuse, a desorganização era uma constante. O que foi pena, porque diminuiu o espectáculo de cor, de alegria. Mesmo assim, junto ao nosso jornal, a festa redobrou o ânimo quando autênticas chuvas de rosas e de rebuçados começaram a cair sobre os estudantes. Era a nossa participação nos festejos, a prova da nossa dedicação a uma das maiores manifestações de alegria que a cidade vive no seu seio.

Os polícias de serviço sentiam dificuldades para sustentar a anarquia reinante, porque toda a gente - inclusivamente eles próprios - queriam apanhar uma flor ou um rebuçado. Eram momentos indelicados, sobretudo, quando, aproveitando a distração dos polícias, um estudante mais matreiro travava por momentos um dos bonés da autoridade, causando algum pânico no agente.

A noite, o cansaço era evidente, mas ninguém pensava desistir. Porque a festa está para durar. É a grande dificuldade era escolher entre o Balão do Grelhado, em Vila do Conde e qualquer outra festa das muitas marcadas para as discotecas da cidade.

Entretanto, hoje à tarde é hora de desporto nas instalações do CDUP, com a tarde desportiva. À noite, é o Concerto Promenado com o maestro José Alatays, no cinema Vale Formoso.

Dia	1
	2
	3
	4
	5
	6
	7
	8
	9
	10
	11
	12
	13
	14
	15
	16
	17
	18
	19
	20
	21
	22
	23
	24
	25
	26
	27
	28
	29
	30
	31

Org. Estudantil - Queima das Fitas

JAN	FEV	MAR	ABR	MAR	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----